

Entre a oração principal e a objetiva direta: um possível papel sintático-discursivo da conjunção integrante

Prof.^a Dr.^a Lúcia Deborah Ramos de Araujoⁱ (UERJ/CPII/UNESA)
Pós-graduando Felipe de Andrade Constancioⁱⁱ (UERJ)

Resumo:

A tradição gramatical brasileira nos deixou como legado um quadro descritivo da conjunção integrante vista a partir de um panorama quase sempre formal, baseado necessariamente no que esse conector traz de aspectos estruturais às orações subordinadas nas quais se encontra. Desse modo, também nos foi deixado um legado de análise dessas estruturas recorrente em frases geralmente curtas e sem um contexto específico de produção, o que muitas vezes nos trouxe o questionamento de sua real importância nos estudos linguísticos. Esta comunicação parte dessa tradição, como forma de reconhecê-la, e objetiva alcançar a discussão acerca da eficácia de se estudar a conjunção integrante não só como elemento formal, mas também considerando-a por meio do viés discursivo, com ênfase na análise de cartas de leitores. Esse direcionamento de cunho sintático-discursivo incide, basicamente, nas características descritivas da oração objetiva direta, como marca linguística fundamental dessas cartas, para chegar ao recurso argumentativo da modalização discursiva, proposta no verbo da oração principal. Tais formas verbais, somadas à conjunção integrante, atuam como elementos argumentativos dos quais o enunciador/ produtor do texto se apropria para expressar seu ponto de vista nas mídias impressas – revistas e jornais. Seguindo esse panorama de abordagem, a comunicação contará com dois momentos: i) a conceituação da modalidade como ponto de partida dos estudos sobre a conjunção integrante; ii) a delimitação do objeto de análise sintático-discursivo, nesse caso a modalização, para a compreensão das orações objetivas diretas. Espera-se que a produção deste trabalho alcance discussões sobre o ensino de norma padrão, compreendida sob o viés da normalidade linguística e não apenas da normatividade.

Palavras-chave: descrição, ensino, modalização

1 Introdução

A proposta deste trabalho, cujo objetivo é sugerir estratégias para o ensino de gramática, é motivada por: i) a possibilidade de aliar noções de sintaxe e de discurso em uma proposta que concorre para a conceituação da modalidade, em uma perspectiva funcional; ii) a exploração da modalização, vista como recurso da língua, e a possibilidade de se discutir a segmentação linguística no gênero opinativo carta de leitor; iii) o reconhecimento da modalização como recurso que favorece a eficácia de um trabalho com leitura e escrita na escola básica, mais especificamente nas últimas séries do ensino médio.

De modo geral, a tentativa de aliar sintaxe e discurso na proposta de um trabalho desta natureza mostra-se pertinente pelo fato de haver uma crítica ao mero reconhecimento de funções sintáticas como atividade pedagógica, geralmente recorrente nas salas de aula. De

certa forma, a temática proposta não visa à troca de uma prática por outra, de modo que considerações sobre intenção discursiva e mecanismos de exploração dos recursos linguísticos da modalização conjugam-se para uma descrição mais coerente desse fenômeno da linguagem.

Nesse sentido, a noção de segmentação linguística passa pelo domínio da Gramática Funcional ou Gramática de Usos, na medida em que o reconhecimento de unidades gramaticais é orientado no âmbito dos textos e não apenas com base em exemplos isolados (frases curtas e descontextualizadas). Dessa forma, pode-se mapear um número dessas unidades de acordo com sua frequência/incidência na superfície textual e investigar sua relação com estratégias variadas de construção do ponto de vista.

Além de favorecer o reconhecimento de funções textuais dos mecanismos gramaticais disponíveis na língua, a conjugação entre sintaxe e discurso pode ampliar a capacidade acerca da leitura e da produção textual em nível de escola básica. Trata-se, pois, de um redirecionamento sobre esses domínios distintos, já que tem sido a preocupação de muitos teóricos, sobretudo os que se ocupam do ensino de língua materna, a busca por uma abordagem que considere a “língua viva” no cotidiano escolar.

Sobre as atividades de leitura e de escrita nas últimas séries do ensino médio, torna-se pertinente a escolha do gênero carta de leitor para a descrição da modalidade, uma vez que a Matriz de Referência para Redação do Enem (2013, p. 18-19) aborda cinco competências, entre as quais duas podem direcionar este trabalho descritivo: “selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista”; “demonstrar conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação”.

Dessa forma, essas duas competências sugerem a necessidade de um enfoque linguístico direcionado à produção de texto, visto que a prova do Enem, além de apontar esse direcionamento, constitui-se mecanismo de avaliação do ensino médio e o primeiro contato dos candidatos com o gênero dissertativo-argumentativo, geralmente cobrado na trajetória acadêmica.

2 Conceituação de modalidade

A tarefa de conceituação da modalidade torna-se, conforme aponta Neves (2013, p. 151), um dilema teórico-metodológico, na medida em que entram em jogo dois percursos adotados por diferentes direcionamentos conceptuais: a) a modalidade é uma constante nos enunciados da Língua Portuguesa, independente de sua representatividade linguística; b) a

modalidade é representada por elementos linguísticos mapeados nas sequências de enunciados.

Nesse sentido, há correntes teóricas que investigam a modalidade nos enunciados, e, segundo estas, haveria certa dificuldade de se encontrar frases em que houvesse isenção total da modalização. Ainda de acordo com Neves (2013, p. 152), “a discussão inicial, no estudo da modalidade, diz respeito, pois, à possibilidade, ou não, da existência de enunciados não modalizados”.

Por outro lado, existem direcionamentos teóricos que trabalham a modalidade sob o viés linguístico (essencialmente estrutural). Para essa vertente, os estudos recentes desenvolvidos pelo Funcionalismo consideram os enunciados atitudinais, portadores de marcas linguísticas essencialmente necessárias à ocorrência da modalidade.

Como a discussão entre os que defendem o estudo cognitivo da modalidade e os que defendem um estudo de natureza linguística é produtiva nas pesquisas sobre modalização, passa a existir uma certa interseção no que tange à caracterização funcional desse recurso da língua. Conferindo materialidade à intenção modalizante, os modalizadores “são usados na interação verbal, em princípio, para exprimir o ponto de vista do enunciador” (Neves, 2013, 154).

Em tempo, a noção de modalização adotada neste trabalho compreende a proposta de Ilari (2013, p. 34), para quem o *modus* significa, necessariamente, a utilização de recursos com o objetivo que o falante tem de se comprometer diante de enunciados. Segundo o autor, os recursos da modalização podem ser agrupados sob o rótulo “material linguístico”.

Dessa forma, os materiais linguísticos da modalização apresentam-se nesta ordem de uso: a) advérbios que indicam diferentes graus de certeza (*indubitavelmente, possivelmente, talvez*); b) verbos regentes *parece, consta*, com valor transferência de responsabilidade; c) verbos regentes *acho que..., acredito que...*, com valor opinativo; d) advérbios que validam uma afirmação (*tecnicamente, popularmente*); e) marcadores de inexatidão (*de certo modo, por assim dizer, grosso modo*); f) tempos e modos verbais que graduam o compromisso (*estaria*); g) advérbios que qualificam a fala (*francamente, para falar a verdade*¹); h) aspas como recurso que confere credibilidade ao próprio discurso.

Já que o objetivo emergente de considerar a modalidade a partir de seu material linguístico constitui a finalidade também de inserir a conjunção integrante em um bloco

¹ Os itálicos são do autor.

funcional de análise, cumpre-nos destacar a relevância das construções em c) e fazer um acréscimo.,

Partimos, portanto, da descrição de Kiefer (1987, apud Neves, 2002, p.172), que aponta a existência de estrutura modal na sequência formada por elementos que respondam pela “expressão de atitudes proposicionais (com verbos que expressam estado cognitivo, emocional ou volitivo + oração completiva)”, descrição que corresponde aos casos em c), mas também reconhece material linguístico modal - que nos interessa de perto - nos predicados cristalizados, em que um adjetivo funciona como predicativo, em sequências como *é possível*, *é provável*. Interessam-nos especificamente os casos em que tais predicados cristalizados se fazem seguir de orações subjetivas desenvolvidas, com a participação da conjunção integrante.

Desse modo, ao considerarmos a modalidade no período composto por subordinação e identificá-la em estruturas como *acho que*, *acredito que*, *é possível que*, estamos fazendo um recorte consciente, isolando as orações desenvolvidas correspondentes aos tipos já mencionados,s, nas quais a estrutura verbo atitudinal/predicado cristalizado + conjunção integrante está presente. É sobre tais estruturas que recai nossa análise.

3 A conjunção integrante na constituição do modus

Não é nova a consideração de que a conjunção integrante apresenta-se semanticamente fraca, funcionando como conector no sentido mais estrito. Contudo, há dois pontos que gostaríamos de destacar, ao refletirmos criticamente sobre o fato apontado: a) a existência de sutil colaboração semântica da conjunção integrante, ocorrendo diferentemente conforme se use SE ou QUE, em enunciados como “Ele sabe se o concurso foi fraudado” e “Ele sabe que o concurso foi fraudado”, pela diferente inferência que se pode fazer acerca da extensão do conhecimento dos participantes quanto ao que se diz; b) o fato de que a conjunção integrante, ao participar especificamente de um tipo de estrutura modalizante, adquire, ela mesma, papel importante na construção e, de certa forma, direciona o sentido do verbo atitudinal, dando-lhe vetor. Esses dois pontos justificam nossa investigação, aqui sucintamente apresentada.

Ao recrutar ao sistema recursos modalizantes, o falante produz materialidades para o que é de ordem ideológica e/ou emocional. Sabemos que a modalização linguística

aponta, fundamentalmente, para a atitude do falante em relação ao conteúdo proposicional de seu enunciado, distinguindo-se o dictum do modus. O dictum é o conteúdo proposicional e o

modus é o que determina a atitude ou o modo como aquilo que se diz é dito. (Silva, 2002, p.482)

Sabemos, igualmente, que a materialidade do texto apenas sugere um universo de intenções ideologicamente marcadas, que si situam no campo do discurso, num estado nem sempre tangível, muitas vezes só passível de inferência. Nesse ponto, o modus surge como uma porta, pela qual se pode atingir camadas mais profundas do ato comunicativo e do posicionamento do falante quanto ao que se enuncia: “Em outras palavras, o *modus* fornece as pistas para que se vá além do *dictum*.” (CUNHA, 2004, p.71).

Assim, considerar a participação da conjunção integrante no modus significa contemplar sua discreta, mas efetiva função na constituição de um material linguístico à disposição do falante.

4 O corpus: cartas de leitores

A escolha do gênero opinativo carta de leitor para mapeamento da modalização é motivada pela possibilidade de se considerá-lo relevante do ponto de vista escrito, na medida em que congrega a emergência de se trabalhar a gramática em usos efetivos da língua (cf. Antunes: 2003, p. 31) e a mudança de suportes – as cartas de leitor podem ser encontradas nas mídias impressas jornais e revistas – necessários a um redirecionamento da descrição da “variedade padrão escrita do português” (cf. Azeredo: 2011, p. 25).

Sobre a crítica feita ao trabalho de descrição das unidades gramaticais vistas sob o prisma normativo e descontextualizado, conforme sugere Antunes (2003, p. 31), há que se destacar a inserção das cartas de leitor nas últimas séries do ensino médio. O motivo da inserção desse gênero precisa, dessa forma, ser visto sob a ótica interativa da língua, visto que ultrapassa os limites da análise incidente sobre a descrição de frases isoladas.

De igual modo, o redirecionamento da descrição da “variedade padrão escrita do português” contemporâneo, apontado por Azeredo (2011, p. 25), permite-nos entender que houve um alargamento da concepção de variedade padrão. Portanto, esse alargamento sobre o(s) padrão(ões) na língua deve-se à adoção diferenciada dos textos escritos para descrição gramatical, desde o século XIX.

4.1 Submissão dos textos ao WordSmithTools

Usamos, para a construção deste artigo, um corpus mínimo, a título de análise preliminar, compatível com a fase em que se encontra a pesquisa, e o submetemos ao

WordSmith Tools, para, com o concurso da Linguística de Corpus, obter uma panorama mais objetivo em menos tempo. Trabalhamos com a hipótese de que construções com verbos modalizadores seguidos de orações completivas seriam o recurso mais utilizado pelos enunciadores para firmar sua posição no exercício argumentativo. Os dados iniciais que seguem nos ajudam a compreender o fenômeno da modalização, conforme sugerida na estrutura verbo + conjunção integrante.

Houve ocorrências de conjunção integrante, nos casos descritos (ou compatíveis com os descritos), sendo que, das 24 entradas com *que*, apenas 10 se enquadraram no escopo da pesquisa. Mesmo esses casos demandam cuidadosa análise, já que encontramos construções como (1) *É exultante saber que...* e (2) *É vergonhoso saber que...*, nas quais a integrante não vem ligada ao conjunto verbo+predicativo, mas ao verbo transitivo que lhe é anterior (em ambos os casos, saber).

Ainda destoam do padrão investigado os casos em (6) *Meu temor é que...* e (8) *É fato que...*. Em (6), ainda que se identifique modalização no uso do substantivo *temor*, ocorre uma estrutura de oração completiva nominal, que deixamos de fora do recorte. Em (8), não temos adjetivo após o verbo de ligação, mas isso não invalida a análise, por se tratar de um predicativo, com cristalização igual à encontrada em *é possível*, por exemplo.

Após a triagem das entradas com *que*, verificou-se a ocorrência de orações objetivas diretas e subjetivas. Essa constatação nos leva a crer que a manifestação da modalidade, apesar de incluir construções com orações objetivas, encontra expressão frequente na oração subjetiva, embora nosso ponto de partida não tenha privilegiado essa construção linguística.

N	Concordance	Set	Tag	Word No.	File	%
1	(7) É exultante saber que sua língua nativa te			488	pus~1.txt	14
2	(40) É vergonhoso saber que em nosso país aind			2.652	pus~1.txt	80
3	tremendo despautério que a verba pública fede			2.603	pus~1.txt	79
4	êxito, mas é uma pena que uma parte delas se			2.137	pus~1.txt	64
5	m algemas. Só ressalto que o número de "pulsei			1.227	pus~1.txt	37
6	para criar? Meu temor é que muitos jovens que n			818	pus~1.txt	24
7	11] (3) É inconcebível que a maior penalidade i			209	pus~1.txt	6
8	0/04/2013] (35) É fato que hoje em dia se for			2.381	pus~1.txt	72
9	1/2013] (29) É melhor que chova, nem que mol			1.881	pus~1.txt	57
10	zes por ano. É evidente que nos últimos quatro			2.431	pus~1.txt	73

4.2 Colocados com *que* e elementos antepostos

No quadro de colocados com *que*, o verbo *ser*, em sua forma indicativa singular *é*, aparece com enorme frequência (as demais ocorrências significativas excluem a hipótese de conjunção integrante, já que são as palavras *a*, *o*, *uma*, que não se colocam imediatamente antes de integrante).

Os dados nos mostram que essa forma indicativa ocorre 19 vezes antes do **que**. Nesse sentido, há que se reafirmar o que já dissemos: a pesquisa tomou um rumo inesperado, na medida em que a manifestação das orações subjetivas ganhou uma proporção que não estava planejada em nossa pesquisa.

N	WORD	TOTAL	LEFT	RIGHT	L5	L4	L3	L2	L1	*	R1	R2	R3	R4	R5
1	QUE	31	3	4	1	0	2	0	0	24	0	2	0	2	0
2	É	24	19	5	2	7	4	4	2	0	1	1	2	1	0
3	A	8	3	5	0	1	2	0	0	0	1	1	1	0	2
4	O	5	2	3	0	0	0	0	2	0	1	1	1	0	0
5	UMA	5	3	2	0	0	2	1	0	0	0	0	1	0	1

Diante dessa realidade, forçoso é reconhecer que a estrutura verbo de ligação + adjetivo (ou verbo de ligação + substantivo) adquire relevância na análise dos dados, o que implica um redirecionamento sobre as considerações da modalidade nos períodos compostos verificados. Dessa forma, uma questão pode nos deixar uma reflexão acerca desses índices iniciais: seria a construção verbo de ligação + adjetivo (ou substantivo) + conjunção integrante uma expressão mais clara – em nível de material linguístico – da modalidade? O que levaria o enunciador a tal preferência?

O esvaziamento semântico do verbo *ser*, à esquerda, e da conjunção integrante, à direita criariam um ambiente de ênfase para o predicativo, reforçando-lhe o poder de modalização? Reconhecemos que tais estruturas, por se apresentarem em ordem inversa, apresentam o predicado em posição de ênfase – inicial, em oração desenvolvida -, reforçando o potencial modalizante do predicativo. O entorno semanticamente fraco viria coroar o predicativo como um nó de modalidade.

5. Modalidade e ensino

Considerando as diretrizes atuais para o ensino de língua portuguesa, sobretudo as que vêm estabelecidas nos PCNs e nas avaliações do Enem, entendemos que a percepção da modalidade nas estruturas estudadas faz com que o estudante: a) perceba uma realidade dinâmica da língua, perpassada por posicionamentos ideológicos e pelo uso de recursos retóricos, consciente ou não; b) identifique na inversão sintática das orações sob análise uma escolha que define o foco do que se enuncia; c) reconheça as estruturas sob análise como um recurso frequente e preferencial das cartas do leitor, que precisam ser enfáticas e sucintas, simultaneamente; d) observe e reconheça a função ideológica e social de determinados enunciados e textos.

Conclusão

Ainda que uma certa frustração tenha redirecionado os rumos deste trabalho, é certo que, independente do tipo de estrutura a ser explorada, o trabalho com a modalidade nas últimas séries do ensino médio pode contribuir para a formação e construção do ponto de vista necessário à atividade de produção textual naquelas séries.

Nesta medida, há que se considerar o redirecionamento do ensino de sintaxe na escola básica, em que o viés sintático-discursivo se mostra promissor, na medida em que a tarefa de ensinar gramática ganha uma aliada, a Gramática Funcional. Sob a ótica desse redirecionamento teórico, pode-se refletir sobre a eficácia de um ensino pautado em gêneros textuais que circulam atualmente e são veiculadores da chamada “língua viva”, aquela em que os conteúdos sintático-semânticos portam funcionalidade.

Referências bibliográficas

ANTUNES, Irandé. *Aula de português: encontro e interação*. São Paulo: Parábola, 2003.

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2011.

CUNHA, Lúcia Deborah Araujo de Salles. O gerúndio como expressão da modalidade em português / Lúcia Deborah Araujo de Salles Cunha. Dissertação. Or. José Carlos Azeredo. Uerj/Instituto de Letras. 2004

GUIA de redação. Disponível em:

<http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/guia_participante/2013/guia_de_redacao_enem_2013.pdf> Acesso em: 26 ago. 2014.

ILARI, Rodolfo. *Introdução à semântica: brincando com a gramática*. 8.ed. São Paulo: Contexto, 2013.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *Argumentação e linguagem*. 8.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

NEVES, Maria Helena de Moura. “A modalidade”. In: KOCH, Ingedore G. Villaça (org.). *Gramática do português falado*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP/FAPESP, 2002. v.6. Desenvolvimentos

_____. *Texto e gramática*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2013.

SILVA, Ademar da. A sobreposição modal em ir + infinitivo. In: ABAURRE, M.B. M. & RODRIGUES, A.C. S. (orgs.) *Gramática do português falado*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2002. v. 8 – Novos estudos descritivos

i

Lúcia Deborah Ramos de Araujo, Profa. Dra.
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
Instituto de Letras
E-mail: luciadeborah@gmail.com

ii **Felipe de Andrade Constancio, Pós-graduando**
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
Instituto de Letras
E-mail: felipe.lettras.ac@gmail.com